

VITRINE Macrorregião cresce em ritmo acelerado e já responde por cerca de 12% de toda a soja produzida no País

O NOVO MAPA DO AGRO

Matopiba transforma Cerrado em negócio

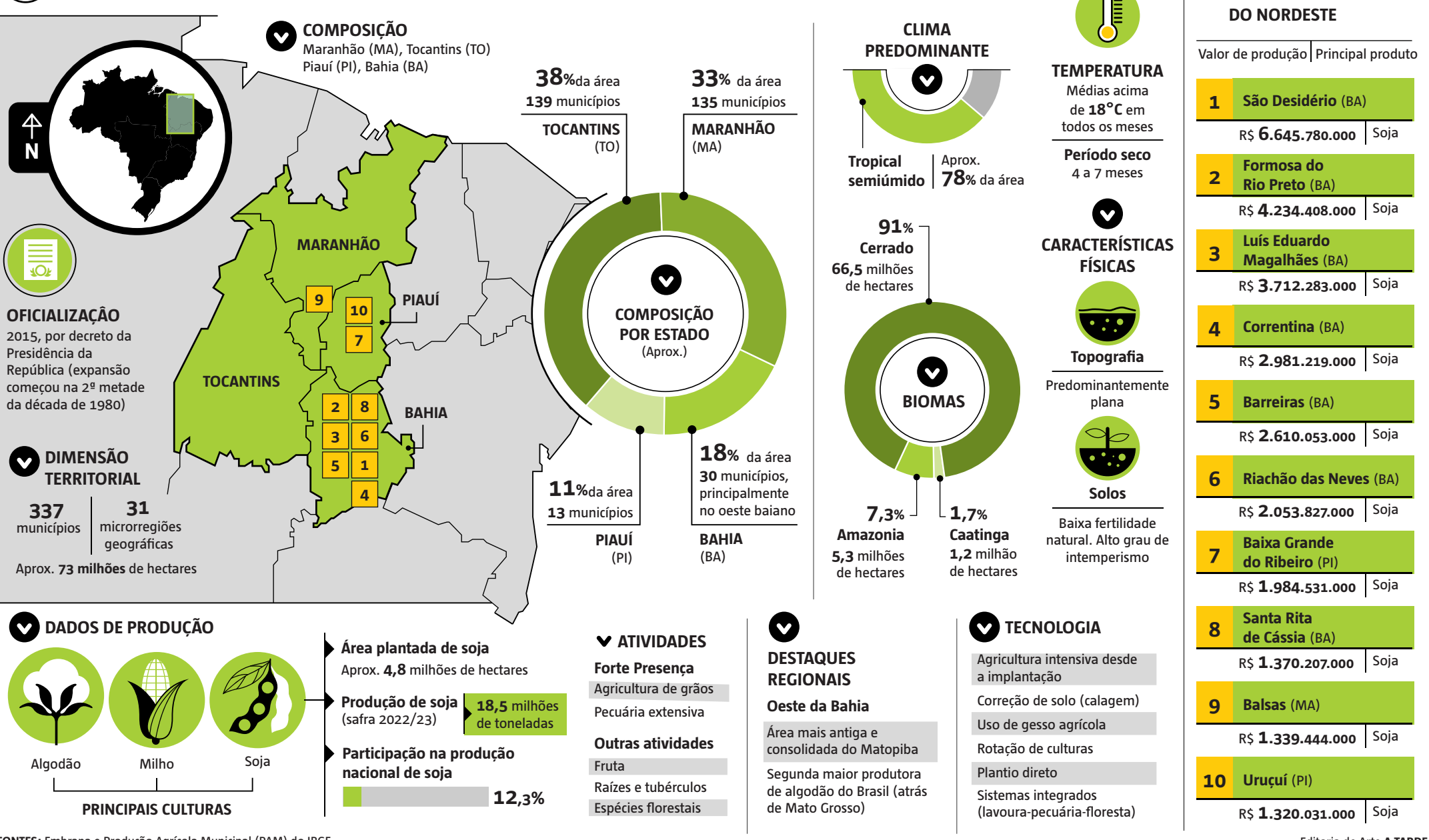
No coração do Cerrado brasileiro, pedaço de terra esquecido, surgiu uma macrorregião fadada ao sucesso. Em tempo recorde, da 2ª metade dos anos 1980 para cá, o Matopiba se firmou como nova fronteira agrícola e redesenhou o mapa do agronegócio brasileiro. Formada por áreas do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia, a região já responde por cerca de 12% da soja produzida no País, com lavouras igualmente consolidadas de milho e algodão. Tanta pujança nasceu da combinação entre ciência e resiliência de produtores que enxergaram futuro onde só havia mata nativa. Ainda há grandes desafios logísticos, mas o avanço já se expande para além da porteira, com o desenvolvimento de novos polos urbanos, multiplicação de serviços e geração de emprego e na renda. Para o Matopiba, o amanhã já chegou. **2 a 5**



APONTE A CÂMERA DO
CELULAR E ACESSE O
CANAL A TARDE AGRO
NO PORTAL A TARDE



NOVA FRONTEIRA AGRÍCOLA Agronegócio se consolida no Matopiba com investimentos e potencial de crescimento



DIVO ARAÚJO

Poucas regiões do Brasil mudaram tanto em tão pouco tempo quanto o Matopiba. O que hoje é visto como potência agrícola era, há algumas décadas, território pouco valorizado e de baixa ocupação produtiva. “O Cerrado, nem dado nem herdado, ninguém queria, porque não valia nada”, resume o engenheiro agrônomo Paulo Baqueiro, coordenador do governo baiano do Plano de Desenvolvimento do Matopiba da Secretaria de Agricultura.

Formado por áreas do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia, o Matopiba consolidou-se como a principal fronteira agrícola do País. O nome é um acrônimo das sílabas iniciais dos quatro estados. No recorte territorial, o bloco engloba o sul do Maranhão, praticamente todo o Tocantins, o sudoeste do Piauí e o oeste da Bahia — áreas que concentram as principais zonas de expansão agrícola no Cerrado. Incrementada a partir da 2ª metade dos anos 1980, essa expansão transformou áreas ocupadas por pastagens subutilizadas em grandes polos de produção de grãos.

Para o subsecretário de Agricultura e Pecuária do Maranhão, Sérgio Delmiro, é preciso compreender melhor o processo. “O Matopiba ainda pode ser considerado uma fronteira agrícola, mas não mais como aquela fronteira virgem do passado. A gente já está num estágio de consolidação, com polos produtivos estruturados e alto nível de tecnologia”, afirma.

A ciência está na origem da transformação. A criação da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e a formação de pesquisadores agrícolas no exterior abriram caminho para o sucesso. “Eles começaram a ver que a limitação para usar o Cerrado era a questão do solo, que era ácido, tinha toxidez de alumínio”, explica Baqueiro. A correção com calcário e o avanço das tecnologias tornaram viável a produção antes considerada impossível.

Delmiro reforça esse ponto ao destacar o papel central da pesquisa. “O principal fator de transformação do Matopiba foi a ciência. Todo o trabalho da Embrapa com o Cerrado permitiu abrir novas áreas com culturas como soja, milho e algodão”, explica. Para ele, trata-se de um conjunto de inovações. “A correção da acidez, o uso do calcário, a adubação, tudo isso aumentou a eficiência e a competitividade”.

Esse processo não foi isolado — dialoga com uma estratégia nacional mais ampla, voltada à redução da dependência externa de alimentos. “Nós importávamos praticamente 40% de tudo que consumíamos”, resume Baqueiro. Em pleno regime militar, conta ele, o presidente Ernesto Geisel reuniu os secretários de Agricultura e afirmou a necessidade

EXPANSÃO Região já responde por cerca de 12% de toda a soja produzida no País, com safras que movimentam bilhões de reais

A FORÇA DO MATOPIBA

Nova fronteira vira potência agrícola

de enfrentar o problema, “porque o que faz a revolução é fome”.

Foi nesse contexto que, seguindo a recomendação de Alysson Paolinelli, que viria a ser ministro da Agricultura, o governo decidiu enviar ao exterior cerca de “2.500 a 3 mil jovens, entre 24 e 35 anos, formados em agronomia, medicina veterinária e biologia, para realizar mestrado e doutorado”, completa Baqueiro.

A partir desse esforço, o Brasil passou a desenvolver uma agricultura adaptada às condições tropicais. Seguindo o chefe-geral da Embrapa Coais (MA), Marco Bomfim, esse é um dos pilares do sucesso do Matopiba. “O Brasil hoje é líder em ciência tropical. Não tem ninguém no cinturão tropical do globo que tenha o conhecimento para a produção que o Brasil tem” (leia a entrevista completa na pag. 4).

O território recebeu uma onda de produtores, principalmente do Sul do País, que trouxeram experiência, tradição e disposição para assumir riscos. “O pessoal do Sul trouxe esse incremento que foi o conhecimento e a tradição de serem agricultores”, diz Baqueiro. Delmiro observa que

isso foi determinante. “O produtor que veio para o Matopiba já tinha um perfil mais empresarial, com mecanização em larga escala. Isso colaborou muito com o processo de crescimento da região”, afirma.

Muitos migraram após perdas com geadas ou deslocamentos causados por grandes obras, como a Hidrelétrica de Itaipu. Ao chegar ao Cerrado, encontraram terras baratas e possibilidade de expandir a produção. Esse movimento foi sustentado por crédito agrícola e políticas públicas. “Sem o crédito agrícola, o Banco do Brasil, principalmente, não teriam conseguido”, afirma Baqueiro. Iniciativas como o Programa de Cooperação Nipo-Brasileiro para o Desenvolvimento Agrícola dos Cerrados (Prodecer), com participação japonesa, também tiveram papel importante ao financiar infraestrutura e tecnologia.

A combinação entre ciência, capital financeiro e migração produtiva resultou em expansão acelerada. “Quando eu cheguei, em 1985, em Barreiras, o oeste baiano tinha em torno de 30 mil hectares plantados. Hoje, são 3 milhões e 785 mil hec-

Ascom-Governo do Maranhão / Divulgação



“O Matopiba já mudou de patamar. O desafio é sustentar o crescimento com mais eficiência e inclusão”

SÉRGIO DELMIRO, subsecretário do Maranhão

tares”, relata Baqueiro. A produtividade acompanhou esse avanço. “Quando a gente chegou, um hectare produzia 25 sacas de soja. Hoje, a média é de 67 sacas”.

O crescimento colocou o Matopiba no mapa da produção nacional. A região já responde por cerca de 12% da soja produzida no País, com milhões de hectares cultivados e safras que movimentam bilhões de reais. A matriz produtiva do Matopiba é bastante diversificada, embora a soja tenha se consolidado como cultura dominante, ocupando hoje quase 2 milhões de hectares. “O Brasil já viveu o ciclo do pau-brasil, da cana-de-açúcar, do café, da seringueira, do cacau. E agora nós estamos no da soja”, afirma Baqueiro.

Incertezas e desafios

Ainda assim, a expansão não foi homogênea nem simples. No início, os produtores enfrentaram incertezas climáticas e desinformação. “Os agricultores do Sul foram aprendendo na marra onde é que chovia bem e onde é que não chovia”, diz Baqueiro.

A dinâmica das chuvas é um dos elementos centrais para entender o funcionamento da região. Na divisa da Bahia com Goiás e Tocantins, os índices pluviométricos podem chegar a 1.800 mm por ano, concentrados em cerca de seis meses. “Quando chove 1 mm, significa que cai um litro de água por metro quadrado. Então você imagina o volume que é isso”, explica Baqueiro. Esse regime, combinado à evolução do manejo do solo, permitiu maior resiliência das lavouras. “Hoje, as raízes conseguem ir a profundidades maiores. Elas vão buscar água no subsolo e resistem mais tempo”.

Nesse contexto, o aquífero Uruçuia tem papel fundamental. Trata-se de uma grande formação geológica que funciona como reservatório natural. “Imagine um grande colchão que você vai jogando água. Quando ele se satura, começa a brincar pelos lados. Esses são os rios nossos”, descreve Baqueiro. Ele destaca a importância do aquífero para a disponibilidade de água na região, permitindo a instalação de poços artesianos de alta vazão. “Tem poços de 300 m³ por hora. Significa você encher 300 caixas de mil litros em uma hora”, explica.



Lavoura de soja avança sobre a vegetação do Cerrado na região do Vão do Uruçuí, na cidade de Balsas (MA)

Desafio da preservação ambiental mobiliza agronegócio na região

Segundo Baqueiro, a abundância também se reflete na paisagem, com a presença de ‘tanques pulmão’ e de rios — como o Rio Grande, que nasce na fronteira com Goiás e percorre 594 km até chegar a Barra, no Rio São Francisco — em diferentes pontos do território, ajudando a garantir o abastecimento humano, animal e industrial das cidades.

Para Delmiro, esse conjunto de fatores naturais e tecnológicos explica a consistência da produção. “O Matopiba reúne condições naturais favoráveis com tecnologia já consolidada. Isso permite um padrão produtivo competitivo”, afirma.

Se o passado foi marcado pela expansão, o presente impõe novos limites. A região entra agora em fase mais complexa, em que crescer exige mais tecnologia, planejamento e infraestrutura. Do ponto de vista produtivo, um dos principais desafios é a expansão para solos mais desafiadores, uma vez que as áreas com maior aptidão estão ocupadas. São solos mais arenosos, com menor retenção de água e maior vulnerabilidade climática. “Isso exige mais tecnologia e mais planejamento”, destaca Delmiro.

Outro eixo central é a inclusão produtiva. Apesar da forte presença do agronegócio empresarial, a agricultura familiar tem peso significativo na região, cerca de 70%. “O desenvolvimento precisa alcançar todos, não só o grande produtor”, atesta Delmiro. “A gente deu muita ênfase também à agricultura familiar, de maneira a acabar com essa divisão entre grande e pequeno”, completa Baqueiro.

Nova realidade

O impacto do agronegócio no Matopiba vai além da produção — mudou cidades, ampliou serviços e alterou a dinâmica econômica de regiões inteiras. “A transformação no oeste baiano foi fantástica para quem assistiu”, afirma Baqueiro.

No Maranhão, o processo também é evidente. Delmiro cita o município de Balsas como exemplo. “O impacto é estrutural e transformador, não só no campo. Balsas virou um polo regional dinâmico do agronegócio”, afirma.

O crescimento populacional e econômico é visível. “Você tem empresas chegando, rede hoteleira crescendo, comércio se expandindo. Só em Balsas, são mais de 600 engenheiros agrônomos registrados”, destaca o subsecretário. O avanço puxou uma cadeia ampla de desenvolvimento. Educação, saúde e comércio se expandiram. “Quando o agronegócio vai bem, você vê isso imediatamente no comércio, emprego, arrecadação. O município ganha autonomia e capacidade de investir”, afirma Delmiro.

Ele frisa que o agro tem impacto direto no crescimento econômico do estado. “O PIB do Maranhão aumentou 4% neste ano, bem maior do que a média nacional”, diz. O avanço é mais evidente na região sul do estado, onde estão concentradas áreas produtivas, com destaque para municípios como Balsas, que hoje figura entre os maiores PIBs do Maranhão.

A mudança se reflete na qualidade de vida. “Hoje tem no oeste baiano um polo de saúde, de educação, serviços proliferando”, diz Baqueiro. Delmiro segue na mesma linha: “O Matopiba já mudou de patamar. Agora o desafio é sustentar esse crescimento com mais eficiência e inclusão”.

A pressão para conciliar produção e preservação nunca foi tão evidente no Matopiba, que agora encara novo desafio: manter o crescimento sem aprofundar a perda de vegetação nativa. Dados do Sistema de Alerta de Desmatamento do Cerrado, em 2024, indicam que o Matopiba concentrou 82% do desmatamento do bioma. A boa notícia é que, em 2025, a devastação caiu: a taxa oficial foi de 7.235,27 km², recuo de 11,49% em relação ao período de agosto de 2023 a julho de 2024.

Para o secretário extraordinário de Controle do Desmatamento do Ministério do Meio Ambiente (MMA), André Lima, o debate ultrapassa o contexto regional e se insere em crise mais ampla. Ele lembra que as consequências das mudanças climáticas já são perceptíveis e impactam diretamente o campo. “O setor já sente esses efeitos com o retardamento de chuvas, mudança do regime de chuvas e de temperatura, ondas de calor. Uma série de fatores já afeta a produção e, não raras vezes, gera prejuízos econômicos”, explica.

No caso do Cerrado, o cenário é ainda mais sensível. Enquanto o País avança na redução do desmatamento na Amazônia, o movimento não se repete com a mesma intensidade no Cerrado. A explicação, segundo Lima, está no perfil da supressão vegetal. Cerca de 90% do desmatamento na Amazônia é ilegal, o que permite ação mais direta do Estado. No Cerrado, porém, a dinâmica é outra. “Há estados, como Tocantins e Bahia, em que cerca de 60% a 65% do desmatamento é autorizado”, pontua.

Ele levanta uma questão: entre 35% e 50% do desmatamento ainda é ilegal no Matopiba, o que cria um desafio adicional. “Você tem índice alto de ilegalidade e de legalidade que você não controla com fiscalização”, explica. Diante disso, Lima

defende uma mudança de abordagem. “É preciso criatividade financeira e econômica para desenvolver mecanismos de incentivo para a manutenção do Cerrado. Precisamos reduzir o desmatamento ilegal e a supressão legal também”.

Ele destaca a relação direta entre desmatamento e clima. “Nós estamos há 20 anos no Brasil em modo de seca. Moderada, grave ou gravíssima, depende do ano. Isso tem a ver com a progressão do desmatamento”. Apesar do cenário preocupante, Lima sustenta que é possível ampliar a produção sem expandir a área desmatada. A chave, segundo ele, está na eficiência. “Se a gente fizer as contas na ponta do lápis, uma propriedade que produz em sequeiro em 80% do imóvel tem rentabilidade menor do que uma que produz em 50% com irrigação”.

Ele detalha a lógica: “A produtividade e a rentabilidade, em um regime irrigado, são muito maiores, demandando menos área”. Isso permite preservar mais vegetação do bioma. “É questão de eficiência econômica, ambiental e produtiva”, resume. Segundo ele, isso também torna a produção mais estável, com menor risco de perda.

André Lima também defende outra estratégia: “A prioridade de acesso à água para a produção agropecuária deveria ser para aqueles que conservam mais Cerrado. Com mais Cerrado, mais se absorve água, mais se devolve água para a atmosfera e mais se equilibra o regime hidrológico”, explica.

Mudança de mentalidade

Lima avalia que o setor produtivo passa por transformação. “Acho que tem havido, aos poucos, mudança de mentalidade e disposição cada vez maior, uma abertura crescente dos produtores rurais”. Segundo ele, isso

Rafa Neddermeyer / Ag. Brasil



“A partir de 2030, nosso objetivo é que a área total de vegetação do Cerrado se estabilize”

ANDRÉ LIMA, secretário do MMA

é mais visível entre produtores integrados ao mercado internacional. “Aqueles que têm produção vinculada à exportação estão entendendo que produzir mais conservando mais valoriza a produção”. Essa mudança, no entanto, não é uniforme e passa por uma transição geracional. “A nova geração já vem com mentalidade mais arejada, mais disposta a equilibrar essa equação”, observa.

Para Lima, o debate que envolve preservação ambiental e produção agrícola ainda carrega marcas de conflitos passados. “A gente ainda

vive as fraturas e feridas de um debate que foi muito difícil em 2012, que foi o debate do Código Florestal”. Para ele, esse histórico ainda influencia o diálogo atual entre diferentes setores, principalmente entre a geração de produtores rurais que vivenciou esse processo de perto.

O secretário faz questão de esclarecer o conceito de desmatamento zero. “Em hipótese nenhuma vamos proibir o desmatamento de quem tem o direito de desmatar. Não vamos proibir isso por decreto nem sequer mudar a lei”. Segundo ele, a estratégia de desmatamento zero tem três pilares. “Um é o combate com tolerância zero ao desmatamento ilegal. Se a gente conseguir reduzir significativamente o desmatamento ilegal nos próximos anos, a gente entra em trajetória de queda importante”.

O segundo pilar trata do desmatamento legal. “Esse a gente trabalha com incentivos econômicos. Quem se comprometer a não desmatar pode acessar um recurso muito mais barato para fazer investimento”. O governo federal lançou quatro editais chamados Ecolvest, que buscam atrair capital para atividades sustentáveis. “Eles são destinados a empreendimentos que se comprometem a não desmatar”.

O terceiro pilar envolve a compensação ambiental com reflorestamento. Segundo ele, esse processo também pode ser produtivo. “A gente tem, por exemplo, empresas investindo fortemente em restauração florestal produtiva”, diz, citando a Suzano, maior produtora de celulose do mundo. O objetivo é equilibrar perdas e ganhos, e a meta, para o futuro próximo, é clara. “A partir de 2030, nosso objetivo é que a área total de vegetação do Cerrado se estabilize e, se possível, passe a crescer”, projeta.



Freepik / Divulgação

Em estados como Tocantins e Bahia, cerca de 60% a 65% do desmatamento do Cerrado é autorizado

Oportunidade verde: mercado de carbono cresce

O potencial do mercado de carbono começa a ganhar espaço no debate sobre o futuro do Matopiba. Para o secretário André Lima, a região reúne condições únicas para estruturar esse tipo de iniciativa. “O Matopiba, particularmente o oeste da Bahia, ainda tem um volume que a gente chama de ativo florestal, que é vegetação de Cerrado acima do mínimo que a lei exige”, afirma. Segundo ele, há áreas com mais de um milhão de hectares nessa condição.

Esse estoque de vegetação representa oportunidade econômica. “Dependendo do método que se aplica para fazer a contabilidade do carbono que se evita na atmosfera, podemos estar falando de algo em torno de 100 milhões de toneladas de CO²”, diz. Ele explica que essa estimativa pode variar, mas dá dimensão do potencial envolvido. “Se eu considerar 100 milhões de toneladas de CO² a US\$ 10, a tonelada, eu estou falando de US\$ 1 bilhão”.

Apesar do valor expressivo, Lima ressalta que transformar esse potencial em receita depende de estrutura ainda em construção e não é um movimento que pode ser feito de forma isolada: “Não será construído de maneira individual, com cada fazendeiro fazendo a sua continha de carbono. É estratégia que é possível desenhar para a região”.

Essa construção esbarra em desafios técnicos. Para Marco Bomfim, chefe-geral da Embrapa Cocais (MA), o principal obstáculo é a falta de base de dados robusta para mensurar o carbono nas áreas agrícolas e de Cerrado. “Houve a aprovação de uma lei, no ano passado, voltada para regulação desse mercado, mas a agricultura ficou de fora”, afirma.

Segundo ele, isso ocorre porque ainda não há precisão suficiente para calcular emissões e estoques no campo. “Estamos com a plataforma de carbono dentro da Embrapa, acelerando o processo de mensuração desses dados”, afirma. A meta é responder a perguntas básicas para o funcionamento futuro de um mercado formal. “Quanto tem cada árvore de carbono? Qual é o estoque? Quanto você acumula ao longo do tempo?”, cita Lima.

Produtores veem motor de desenvolvimento

A expansão do agronegócio no Matopiba é vista pelos produtores como fundamental para transformar a realidade dos quatro estados que integram a região. Maurício Buffon, presidente da Associação dos Produtores de Soja do Brasil (Aprosoja Brasil) e produtor no Tocantins, avalia que o avanço da agricultura no Cerrado tem impactos diretos no desenvolvimento regional. “Qual outra atividade teria esses estados, essas famílias, essa população, se não fosse a agricultura?”, questiona. Para ele, a aptidão da região é agrícola, e essa vocação produtiva também se expressa na base tecnológica que sustenta a expansão.

Celito Missio, vice-presidente da Associação dos Produtores de Sementes dos Estados do Matopiba (Aprosem), ressalta que a região se consolidou como polo relevante na produção de sementes, sobretudo na Bahia, onde se concentra grande parte dessa produção do Matopiba. Segundo ele, o volume produzido na região é suficiente para plantar cerca



“Não tinha como plantar soja no Cerrado, e a Embrapa tropicalizou a cultura”

CELITO MISSIO, vice-presidente da Aprosem

de 6,5 milhões de hectares, o equivalente a cerca de 13% a 14% da área nacional cultivada com soja.

A evolução tem raízes no desenvolvimento científico. “A Embrapa foi fundamental para a ocupação do Cerrado”, afirma. Segundo ele, o grande salto ocorreu quando a pesquisa conseguiu adaptar a soja ao clima tropical. “Não tinha como plantar soja no Cerrado, porque ela não crescia. A Embrapa conseguiu tropicalizar a cultura”, explica.

A incorporação de biotecnologia também foi determinante. “A primeira soja transgênica veio com resistência ao herbicida glifosato”, lembra. Depois, novas tecnologias passaram a incorporar resistência a pragas, ampliando a eficiência do manejo. “As sementes têm muita tecnologia embarcada. Está tudo na genética”, afirma.

Esse conjunto de inovações contribuiu para a adaptação da cultura às condições locais. Segundo Missio, o trabalho conjunto entre empresas de biotecnologia, como Bayer e Corteva

Agriscience, e o melhoramento genético têm sido essenciais para atender às demandas do campo. Essa base tecnológica ajuda a explicar também o desenvolvimento nas cidades, como destaca Buffon: “A transformação é muito grande”. A chegada da agroindústria reforça o movimento com geração de emprego.

Apesar dos avanços, os produtores apontam desafios estruturais. “Precisamos de mais segurança jurídica”, cita Buffon, que também menciona gargalos logísticos. “O agronegócio movimentava muito grão, muita fibra. Precisa de suporte em estradas e ferrovias”, ressalta. Ele chama atenção para o potencial ainda pouco explorado da infraestrutura de transporte. “O Brasil tem muitas opções de ferrovia que não está sabendo usar”, afirma. Entre os projetos considerados estratégicos, ele cita a ampliação da malha ferroviária. “A Ferrovia Norte-Sul ajudou bastante, mas nós precisamos ampliar. Precisamos da Ferrovia Oeste-Leste funcionando para ter opção de portos”, alerta.

ENTREVISTA MARCO BOMFIM, chefe-geral da Embrapa Cocais (MA)

Como o sr. avalia o atual estágio de desenvolvimento do Matopiba no contexto do agro brasileiro?

Hoje, a gente pode já dizer que é uma região consolidada do ponto de vista de estrutura produtiva. Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia são estados que têm produção consolidada, uma tecnologia já bastante assentada e que cresce. O Ministério da Agricultura estima que, nos próximos quatro anos, nós vamos aumentar em 30% a produção nesses territórios, basicamente nas principais commodities – soja, milho e algodão. Mas crescem de maneira muito importante outros produtos, como é o caso do sorgo, para atender a indústria de etanol. É um fato interessante dentro do território, que é o crescimento da agroindústria. Falo das biorrefinarias de etanol, especialmente, que têm promovido essa indústria de produção para atender não só do ponto de vista dos grãos para fermentação, como é o caso do sorgo, mas também da produção de madeira de biomassa para energia, para produção de vapor nessas agroindústrias. E a pecuária também vem crescendo em função do subproduto que as agroindústrias têm, que é o DDGS. É um subproduto das destilarias que tem sido utilizado nos confinamentos para a produção de carne bovina. Então, é todo um complexo que agora se diversifica e cresce em razão do movimento do agronegócio.

O Matopiba foi batizado com esse nome na década de 1980 e, de lá para cá – especialmente nos últimos anos –, tem registrado crescimento acelerado da produção agrícola. O que explica esse avanço?

Primeiro, a gente já tinha uma tecnologia dominada no Centro-Oeste, especialmente em Goiás e Mato Grosso, que facilitou a entrada dos produtores nas áreas novas, com terras mais baratas, obviamente. Isso trouxe expansão associada a alguns portos, que facilitaram o escoamento da produção. Posso destacar o Porto do Itaqui, no Maranhão, que foi o 2º maior exportador de soja no País, ultrapassando o Porto do Paranaguá. Temos também o Porto de Barcarena, no Arco Norte, no Pará, que coleta soja em todos os estados do Matopiba. Há ainda todo um escoamento ferroviário, que barateou muito o custo. Cerca de 50% dos grãos que chegam até esses portos vêm por via ferroviária, tanto pela Ferrovia Norte-Sul quanto pela Ferrovia de Carajás, que foram interligadas agora. Então, você tem um modal logístico que reduz esse custo, tem portos que estão mais perto das zonas compradoras – Estados Unidos, Europa e o canal do Panamá –, associado a terras mais baratas, com uma estrutura muito semelhante ao que a gente tem no Cerrado já dominado. Portanto, ficou muito mais fácil para esses empreendimentos se estabelecerem nas áreas novas. Todos esses fatores fizeram com que a expansão ocorresse nessas áreas de Cerrado.

Quais são os principais desafios para a produção no Matopiba?

As áreas com maior aptidão agrícola, hoje, estão praticamente todas ocupadas. A expansão do Matopiba privilegiou áreas com maior teor de argila e maior fertilidade. Agora, nós temos uma expansão para as áreas consideradas menos aptas. Temos áreas mais arenosas, chamadas de plintossolos, que são solos mais pedregosos, especialmente no estado de Tocantins. Elas precisam envolver tecnologias para a utilização racional dos solos para que a gente possa estruturar esses solos e ter uma produtividade tão próxima, o quanto possível, dos solos mais bem estruturados. Aí vem todo esse problema de safra e de safrinha, porque esses solos não retêm muita umidade. Nessas terras, a safrinha já fica um pouco mais desafiadora. Por isso, o sorgo fica para a 2ª safra. Por isso, tem aparecido o gergelim, o feijão-mungo e outras culturas que exigem menos água e que podem ser produzidas nessa janela mais curta. Mas também temos o desafio da sustentabilidade. Os agroquímicos, os produtos de base biológica, têm sido uma busca frequente, (assim como) a certificação desses produtos, buscando também a reputação do

'SUSTENTABILIDADE É O NOVO DESAFIO DO MATOPIBA'

DIVO ARAÚJO

O Matopiba já não é mais uma promessa. A região se consolida como uma das principais fronteiras agrícolas do País e deve seguir em expansão nos próximos anos. “Hoje, a gente pode já dizer que é uma região consolidada do ponto de vista de estrutura produtiva”, explica o chefe-geral da Embrapa Cocais (MA), Marco Bomfim, nesta entrevista ao A TARDE. O avanço, no entanto, traz novos desafios. Com as áreas mais aptas já ocupadas, o crescimento passa por caminhos mais complexos, como o uso de solos menos férteis e a adaptação às mudanças climáticas. Em paralelo, cresce a pressão do mercado por práticas responsáveis. Nesta entrevista, Bomfim destaca a recuperação de áreas degradadas, a inclusão da agricultura familiar e o papel da pesquisa para garantir produtividade com menor impacto. “Agora nós entramos numa outra fase, que é de garantir o que a gente já conquistou”, resume.

Ascom-Embrapa / Divulgação



Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia são estados com produção consolidada e tecnologia já bastante assentada

As áreas com maior aptidão agrícola estão praticamente ocupadas. Agora, temos expansão para áreas menos aptas

Nos próximos quatro anos, vamos elevar em 30% a produção, basicamente das principais commodities

mercado internacional, que cada vez cobra mais do Brasil evidências de produção sustentável. Nessa esteira, também vem a conversão de áreas degradadas. Áreas normalmente utilizadas para pastagens, que hoje não se prestam para esse fim, em função de terem um estado de degradação mais avançado. E converter isso em áreas novamente aptas para agricultura, que é onde a gente imagina que seria mais viável o crescimento.

Que outras estratégias podem garantir um desenvolvimento mais equilibrado ao Matopiba?

O investimento também na agricultura familiar. Inclusive os próprios agricultores que trabalham com commodities têm sinalizado isso. Mais de 70% dos produtores dessa região são de agricultura familiar, e precisa ser equiparado, porque, em certas regiões, tem causado alguns conflitos. Há também uma necessidade de que essas tecnologias apropriadas para a agricultura familiar

possam chegar e que esses agricultores possam alimentar as cidades que crescem. Essas cidades que se desenvolvem – por exemplo, Luís Eduardo Magalhães (BA), Balsas (MA) e Barreiras (BA) – têm uma demanda por alimentos que não são produzidos pela agricultura familiar, como os hortifrutí. E a agricultura familiar precisa ser adicionada nesse crescimento para que a gente tenha um território que cresça de forma equânime. Associado a isso, a gente tem um programa de inteligência territorial. É preciso que a gente revise esses territórios para entender a dinâmica de uso do solo e poder orientar a política pública também, além de traçar os caminhos para que esse território cresça de maneira sustentável. E não haja essa colisão de áreas de proteção – de território indígena, que também existem no Matopiba, e agricultura familiar. Esses são os pilares que a Embrapa tem visualizado como desafios para a gente ter um crescimento mais

ordenado no território.

Qual é o papel da pesquisa da Embrapa na viabilização da agricultura em uma região antes considerada de baixa fertilidade?

Quando a Embrapa foi criada, há mais de 50 anos, o desafio era imenso. O Brasil era importador de alimentos, e nós tínhamos toda essa área a ser explorada, considerada inóspita. O pai da agricultura verde, um americano que ganhou o prêmio Nobel, veio até o Brasil, olhou o Cerrado e falou: vocês nunca vão conseguir produzir nessa área. Mas, logo, não só a Embrapa, mas as universidades e os institutos federais, conseguiram entender que não poderíamos trazer tecnologia da Europa, de solos que são sujeitos a congelamento ao longo do ano, temperaturas diferentes. E entendemos a questão da estrutura do solo, que precisávamos investir em plantios sem revirar esse solo, corrigir a acidez para combater o alumínio livre. A partir daí, nós conseguimos, com a pesquisa,

entender os pontos importantes e desenvolver as tecnologias para solucionar esses principais problemas. A gente tinha um solo que era profundo, mas o grande problema era realmente a química e o pH. Revertemos essa situação e, de fato, o Brasil conseguiu deslançar as áreas planas e se tornar esse País – hoje, o maior produtor de alimentos do mundo. Nós alimentamos um bilhão de pessoas com uma agricultura que foi toda baseada em ciência. Esse é o grande diferencial do País. Aí veio a tropicalização da soja, o desenvolvimento de espécies forrageiras, que fizeram a expansão de toda a produção bovina. Acredito que nós tivemos muito sucesso em fazer esse escalonamento da produtividade. Agora nós entramos numa outra fase, que é de garantir o que a gente já conquistou. E aí vem toda uma pauta ligada à sustentabilidade.

O sr. mencionou um modelo de produção baseado em ciência e tecnologia. Isso já está consolidado ou ainda há espaço para ganhos de produtividade na região?

Já temos no modelo que entrega alto nível de produtividade, mas ainda há muito a ganhar com a entrada de novas áreas. Dentro das áreas que são aptas para produção, os ganhos que vamos conseguir são pequenos. Mas a gente vai ganhar muito em conservação de solo para manter esses ganhos estáveis. Hoje, o nosso desafio é que os solos permaneçam com esse nível de produtividade indefinidamente. Não é novidade falar que o clima está mudando. E a gente percebe, este ano, que houve um desafio climático importante em algumas regiões. Precisamos cada vez mais também trabalhar sistema de produção e genética, para que ela lide com essas situações de veranicos, de restrições hídricas, de maior desafio climático. Manter a resiliência diante de todas essas oscilações é o maior desafio.

Já há maior conscientização dos produtores sobre a necessidade de preservação do Cerrado?

Acho que isso é uma coisa natural, inclusive porque a própria sociedade já está muito consciente. Quando falo da sociedade, falo do mercado também. E quando o mercado começa a cobrar a valorização da sustentabilidade na produção, isso impacta diretamente o negócio. Não é mais uma questão só comentada por cientistas, defensores da natureza. É uma questão que toda a sociedade discute e se preocupa. E isso começa a afetar o mercado, o preço dos produtos, as barreiras comerciais e tarifárias. Portanto, isso acaba mudando toda a lógica de produção. Hoje, a Embrapa tem uma pauta forte voltada para uma agricultura de baixo carbono – de trigo, soja, carne. Já preparando os sistemas de produção para essa demanda que está vindo de maneira muito rápida. Porque o mercado começa a exigir isso cada vez mais forte, o que promove mudança em todo o sistema agroindustrial e impacta também no produtor. Cada vez mais os produtores estão buscando se integrar nessa nova lógica de produção, sob pena de ficar fora do mercado.

Como a Embrapa segue atuando na região?

A Embrapa tem uma unidade que nós estamos chamando de HUB Matopiba, no sul do Maranhão, em Balsas. A Embrapa está colocando aqui 11 unidades para, junto com a unidade em Palmas, aumentar a presença na região do Matopiba, que é estratégica. E, para isso, também faremos uma grande plataforma de projetos. A Embrapa está investindo, neste primeiro momento, R\$ 2 milhões em projetos, exatamente nesses eixos de inteligência territorial, de aumento da produção e sustentabilidade. E também da inovação na inclusão socioprodutiva. Estamos fazendo esse chamamento num trabalho conjunto de 11 unidades atuando em rede, logicamente dentro do ecossistema dessas regiões, para que a gente possa dar mais foco e atenção ao território.

INFRAESTRUTURA
Investimento no transporte multimodal impulsiona o direcionamento da produção de grãos na região do Matopiba

DO CAMPO AO MUNDO

Nova logística encurta distâncias e muda rota do escoamento

LUCIANA AMORIM E DIVO ARAÚJO

Responsável por cerca de 12% da produção nacional de grãos, o Matopiba tem previsão de investimentos que prometem avançar o escoamento de grãos, hoje a 2ª maior porta de saída dos cereais do País. A posição é motivada, em boa parte, pela tecnologia de transporte multimodal – rodovias, ferrovias e hidrovias – aplicada na região.

Apesar do alto volume de produção, o escoamento ainda é um desafio, em grande parte feito por estradas vicinais. Além disso, há necessidade de adequação dos terminais já existentes. Concessão de rodovias, ampliação da capacidade ferroviária e melhoria da navegabilidade das hidrovias são algumas ações previstas pelo Ministério dos Transportes para favorecer esse importante portal de distribuição para América do Norte, Ásia e Europa.

“Diversos projetos envolvem a ampliação da capacidade das rodovias, que representam cerca de 47% da malha, a maioria envolvendo a concessão de vias. Na parte rodoviária, fizemos 23 leilões, de 2023 até agora. Já contratamos R\$ 240 bilhões em investimentos”, afirma a secretária nacional de Transporte Rodoviário do Ministério dos Transportes, Viviane Esse.

A utilização do sistema multimodal para escoamento inverteu a lógica vigente de criar infraestrutura depois que a região produtiva já estava instalada. “A gente veio do histórico de ampliação de capacidade muito tardia. Então, as obras de duplicação, faixas adicionais, os próprios dispositivos que são os trechos nas áreas urbanas tão importantes para reduzir o número de acidentes, eles sempre aconteciam depois que aquela região já tinha se desenvolvido economicamente”, explica.

O crescimento regional, que antecedia a estruturação local, tornava-se um problema a ser solucionado. “A região crescia, a infraestrutura ficava inadequada e aí era quase uma necessidade gritante de a gente ampliar”. Segundo a secretária, o entrave estrutural fez com que boa parte do desenvolvimento se concentrasse no Sul e Sudeste.

A criação do Matopiba, em 2015, mudou o cenário. “Agora, temos um desenvolvimento econômico nas cinco regiões do País, principalmente motivada pelo agronegócio”, diz Viviane. O sistema multimodal, que interliga as já existentes rodovias, ferrovias e hidrovias no Matopiba, promove economia de recursos, rapidez e segurança no transporte.

Ampliar a intermodalidade da exportação no Matopiba é uma das metas do governo, que pretende ex-



Governo do Maranhão / Divulgação

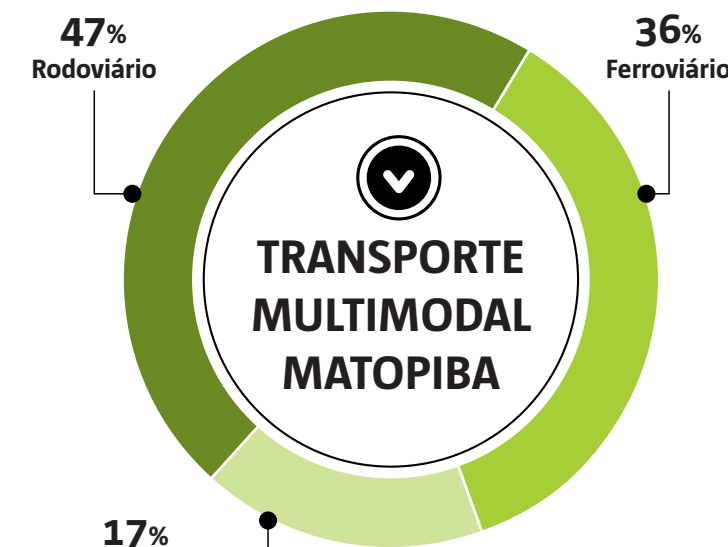
O Porto de Itaqui (MA) é o 2º maior ponto de saída de grãos do País, já consolidado como alternativa eficiente

pandir a infraestrutura junto com o crescimento da produção. “Precisamos de rodovias adequadas que levam a terminais ferroviários”, diz a secretária. “Isso é muito importante: a ligação entre diversos modais”.

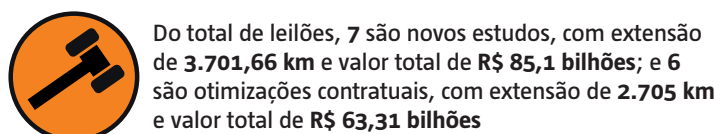
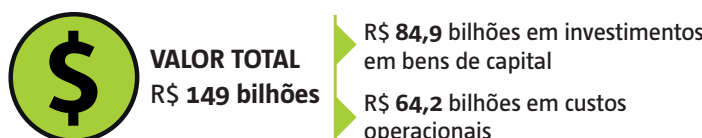
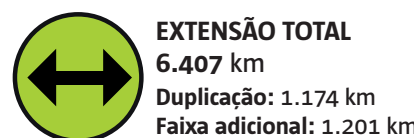
O Matopiba é formado por áreas com estabilidade climática e regimes hídricos muito específicos, o que é excelente para o agronegócio. “Isso faz com que essa produção aconteça em duas safras e não apenas uma. Antes, a gente tinha a safra e a safrinha, que era muito menor. Hoje, a gente tem duas safras que produzem, em tonelagem, quase a mesma coisa”, explica Viviane.

Entre as ações, ela cita a ampliação da capacidade das rodovias 163, que vai até Santarém, Meritituba, e 364, que vai para Porto Velho, fazendo ligação com o Arco Norte. “É algo bastante relevante, porque diminui as extensões para alguns mercados consumidores, já que somos pro-

O Porto de Itaqui, que usa logística multimodal, é o grande destaque do Matopiba e movimenta cerca de 26,3% da soja exportada pela região



CONCESSÃO DE RODOVIAS 2026



FONTES: ANT, ATT, Infraestrutura e Secretaria Nacional de Transporte Rodoviário / Ministério dos Transportes
Editoria de Arte A TARDE

dutores de commodities”.

O Arco Norte é um conjunto de terminais portuários e estações de transbordo localizados no Norte e Nordeste. Inclui portos em estados como Pará (Barcarena, Santarém, Miriú, Miriú), Amazonas (Itacoatiara, Manaus), Rondônia (Porto Velho) e Maranhão (São Luís). É o principal eixo de escoamento da produção do Matopiba, um corredor logístico estratégico para a saída de grãos, especialmente soja e milho do Centro-Oeste, reduzindo custos e dependência dos portos do Sul e Sudeste.

O Porto de Itaqui (MA) é o grande destaque, movimentando cerca de 26,3% da soja exportada pela região. Utiliza a logística multimodal, incluindo hidrovias (rios Tapajós, Madeira e Amazonas) e rodovias, a exemplo da BR-163, para transporte da safra. Representa o 2º maior ponto de saída de grãos do País, já consolidado como alternativa eficiente.

Avanços e desafios

A posição geográfica privilegiada do Porto de Itaqui reduz o tempo de viagem para mercados do exterior, quando comparado aos terminais do Sul e Sudeste. “O Porto de Itaqui é uma joia. É um ativo logístico estratégico para todo o Matopiba de exportação. Ele permite redução de distâncias para mercados internacionais que é especial, principalmente para Europa e Ásia”, diz o subsecretário de Agricultura e Pecuária do Maranhão, Sérgio Delmiro.

O Arco Norte alterou a lógica de escoamento da produção. Para Delmiro, esse encurtamento de rotas é central para a competitividade. “Como estamos falando de commodities, reduzir custo é o que garante margem para o produtor”.

Outro avanço importante veio com as ferrovias, que transportam metade dos grãos que chegam aos portos. A integração entre as ferrovias Norte-Sul e de Carajás ampliou a eficiência da logística e reduziu a dependência exclusiva das rodovias em trechos mais longos. “A Ferrovia Norte-Sul ajuda a desafogar a rede rodoviária. Você tira fluxo das estradas e coloca em um meio que transporta grandes volumes com mais eficiência”, explica Delmiro.

Ainda assim, o transporte rodoviário segue predominante na Bahia. Nesse cenário, a Ferrovia de Integração Oeste-Leste (Fiol) aparece como uma das principais apostas para o futuro, porque pode ligar a produção até o sul baiano e também se conectar à Ferrovia Norte-Sul e levar ao Porto de Itaqui. As obras da ferrovia estão em fase de reestruturação, com o grupo português Mota-Engil em negociações finais para assumir a concessão da Fiol 1 e a conclusão do Porto Sul, em Ilhéus.

Pujança do Matopiba redesenha centros urbanos nos estados

MARIANA BAMBERG

O avanço do agronegócio na fronteira de Matopiba não transformou apenas o campo – redesenhou o perfil das cidades em poucas décadas. Em municípios como Barreiras, a população chegou a quase quadruplicar desde os anos 1980, com a consolidação da expansão da agropecuária. Na vizinha Luís Eduardo Magalhães, o PIB saltou cerca de 2.000% em apenas duas décadas, acompanhando a rápida urbanização impulsionada pelo campo. O resultado é a paisagem urbana reconfigurada, com antigos povoados se tornando polos regionais fortemente ligados à economia do agro.

LEM é um dos exemplos mais emblemáticos. Quando Mimoso do Oeste se desmembrou de Barreiras, não passava de um distrito de 18 mil habitantes que, às margens da BR-242, começava a sentir os efeitos da expansão agrícola. Quatro décadas depois, a cidade ultrapassou os 107 mil moradores (IBGE 2022), e alcançou PIB de R\$ 11,5 bilhões em 2023, quase 20 vezes maior do que o registrado 20 anos antes. Hoje, é

reconhecida como a capital baiana do agro e um dos principais centros de serviços e tecnologia da região.

Supervisora de Disseminação de Informações do IBGE na Bahia, Mariana Viveiros destaca que LEM é a cidade que mais cresce em população no estado, e essa atratividade está diretamente associada às oportunidades de trabalho e renda. “No caso dos municípios do Matopiba, o crescimento populacional tem claramente relação com a pujança do setor agropecuário e de serviços e indústria associados”, crava.

O economista Odacil Ranzi é testemunha dessa transformação. Ele

trocou a contabilidade no Rio Grande do Sul pela produção agrícola no oeste baiano em 1980. “Cheguei a morar em barraca de lona. Estrada ruim, dificuldade de acesso à água, não tinha energia elétrica em muitas áreas. Mas havia um potencial muito grande”, relembra. Ao longo dos anos, a transformação passou a ser sentida na cidade e na vida de quem escolheu ficar. “O agro puxa esse desenvolvimento, mas ele não fica só dentro da porteira. Ele movimenta o comércio, os serviços, gera renda e cria oportunidades”, afirma.

Hoje, LEM tem 25 mil empresas ativas. Só em 2025, 7,5 mil delas foram abertas e há novos empreendimentos de grande porte chegando, como a Inpasa, biorrefinaria de grãos. É um investimento de cerca de R\$ 2 bilhões e 3 mil empregos diretos e indiretos gerados na montagem. A empresa também chegou em Balsas (MA), destaque em produção de soja, milho e algodão, que se tornou referência pela eficiência logística. A força do agronegócio também se refletiu no desenvolvimento urbano de Balsas e diversos outros municípios do Matopiba.

Desenvolvimento puxado pelo agro não fica dentro da porteira: gera renda e muitas oportunidades

Cidades agrícolas: gigantes movidas a tecnologia

JAIR MENDONÇA JR.

Com propriedades que superam 10 mil hectares e faturamentos bilionários, grandes grupos transformam o Cerrado em um ‘Vale do Silício’ do campo. No horizonte do Matopiba, o termo ‘fazenda’ já não descreve com precisão a realidade: o que se vê hoje são verdadeiras cidades agrícolas. Essas propriedades operam sob ritmo ditado pela agricultura de precisão, drones e sistemas de gestão de fazer inveja a qualquer indústria urbana.

A ascensão da região não ocorreu por acaso. O diferencial não é mais apenas a terra disponível, mas a capacidade de combinar escala com tecnologia de ponta. “Quando passamos a tratar a propriedade como empresa, com planejamento, controle e decisões baseadas em informação e pesquisa, ela deixou de ser apenas produtiva e passou a ser estratégica. Uma fazenda bem estruturada funciona como uma verdadeira organização”, diz Odacil Ranzi, sócio do Grupo Passo Fundo.

Três nomes personificam essa nova era de escala e sofisticação no Matopiba. O primeiro é o Grupo Risa, sediado em Baixa Grande do Ribeiro (PI). A holding faturou R\$ 2,14 bi-

lhões em 2023, consolidando-se como a única piauiense entre as 500 maiores do Brasil. O diferencial é a verticalização: o grupo opera frota exclusiva de mais de 200 tritrens para garantir que a produção de seus 45 mil hectares chegue ao Porto de Itaqui sem os gargalos que prejudicam outros produtores.

Já o empresário Ricardo Faria, conhecido como o ‘Rei do Ovo’, expandiu atuação para os grãos através da Insolo e Terrus. Hoje, controla cerca de 230 mil hectares plantados no Matopiba. Faria integra a produção de milho e soja no Piauí à sua demanda agrícola, fechando um ciclo econômico de alta eficiência.

Por fim, o Grupo Progresso, liderado por Cornélio Sanders, que cultiva 95 mil hectares e está elevando o nível do jogo com a BrasBio, em Uruçuí (PI). Com investimento de R\$ 1,18 bilhão, a usina de etanol de milho deve iniciar operações em julho deste ano, tornando o Piauí autossuficiente no combustível.

Mas a tecnologia não vive apenas de máquinas gigantes – a expertise no manejo do solo é o que garante a resiliência, com uso de materiais genéticos de alto desempenho e agricultura de precisão.

CELEBRAÇÃO Consolidada como maior feira de tecnologia agrícola do Norte-Nordeste e grande vitrine do agro, Bahia Farm Show será realizada em junho

BFS: 20 ANOS DE SUCESSO

Memória e futuro se entrelaçam em edição histórica

CLAUDIA LESSA

A edição 2026 da Bahia Farm Show (BFS) celebra duas décadas de história, que a consagra como maior feira de tecnologia agrícola e negócios do Norte-Nordeste. Um selo comemorativo dos 20 anos foi lançado como símbolo da sua trajetória e da força do agro na Bahia. A dois meses do evento, que acontece de 8 a 13 de junho, em Luís Eduardo Magalhães, no oeste baiano, com o tema *Somos um só*, já foram comercializadas mais de 80% das áreas destinadas aos cerca de 500 expositores esperados este ano. Para os organizadores, o interesse dos produtores reforça a força comercial da BFS e a confiança do mercado em sua capacidade de reunir negócios, relacionamento e soluções em um mesmo ambiente, no coração do agro brasileiro.

O investimento total estimado na Bahia Farm Show 2026 chega a R\$ 180 milhões, considerando aportes realizados por empresas e instituições presentes na feira. Em área de 380 mil m² — ampliação de 35% em relação a 2025 —, com 850 estandes e 1.400 marcas, a expectativa é que a BFS supere o público recorde de 162 mil visitantes da edição passada. A estrutura inclui estacionamento com capacidade para 10 mil veículos e operação capaz de gerar mais de oito mil empregos diretos e indiretos.

É nesse cenário que a BFS traz como diferencial a oportunidade do encontro de gerações e entre grandes e pequenos produtores. O presidente da BFS e da Associação dos Agricultores e Irrigantes da Bahia (Aiba), Moisés Schmidt, garante que essa edição será muito especial. “Chegar aos 20 anos é revisitar uma história construída com coragem. É lembrar das primeiras gerações, chegamos ao oeste da Bahia quando tudo o que havia era incerteza e, mesmo assim, apostaram, enfrentaram desafios e ajudaram a transformar a região em um dos principais polos produtivos do País”.

A Bahia Farm, ressalta o empresário, carrega essa memória e, ao mesmo tempo, aponta para o futuro. “Hoje, o produtor que percorre a feira encontra tecnologia, inovação e um agro cada vez mais conectado. Mas essa evolução só existe porque houve quem abrisse caminho. A expectativa, portanto, é de uma edição que projeta o futuro, mas reconhece e valoriza a origem. Uma feira que celebra o quanto avançamos, sem perder de vista quem tornou tudo isso possível”, diz

O prefeito de Luís Eduardo Magalhães, Júnior Marabá, considera a BFS um patrimônio local. “A cada ano, a Bahia Farm Show vem superando seus próprios números em negócios e

esta é sempre uma expectativa do setor também. É um evento que tem o DNA dos pioneiros do agro da região, que sempre trabalharam de forma profissional. Durante a semana da Bahia Farm, a cidade colhe frutos em diversos setores do comércio e de prestação de serviços. Hotéis lotam com um ano de antecedência, restaurantes ficam cheios, comércio aquecido e muitas frentes de trabalho temporário surgem. Muitas residências são alugadas por empresas para hospedar equipes. Dá para ver que a dinâmica da cidade muda totalmen-

te”, relata, destacando que a prefeitura participa da realização do evento por entender a sua importância para o município, a Bahia e o Brasil.

O relatório comercial da Bahia Farm 2026, divulgado recentemente, aponta que, além dos negócios já fechados, cerca de 200 unidades seguem em fase de tratativas. A rápida ocupação, conforme o diretor da BFS, Alan Malinski, reflete a eficácia das feiras como modelo comercial, ao concentrar procura e demanda, ao mesmo tempo, em um só lugar. “A leitura é de consolidação: a Bahia Farm Show segue

operando como plataforma estratégica para marcas, fabricantes, empresas de tecnologia e fornecedores ligados ao agronegócio”, avalia.

A nova configuração ampliará a capacidade operacional da BFS. “Serão mais de 660 unidades em espaços abertos, configuração técnica pensada para atender com mais eficiência as necessidades de exposição de máquinas de grande porte, equipamentos e soluções aplicadas ao agro”.

Entre as novidades desta edição estão o aplicativo com mapa interativo em tempo real; a adoção de

veículos elétricos para mobilidade interna; e uma central de monitoramento 24h equipada com tecnologia de reconhecimento facial, reforçando a leitura de uma feira cada vez mais conectada, segura e orientada por experiência.

Inovação e negócios

Promovida pela Associação dos Agricultores e Irrigantes da Bahia (Aiba), em parceria com Associação Baiana dos Produtores de Algodão (Abapa), Fundação Bahia e Associação dos Equipamentos Agrícolas do Oeste da Bahia (Assomiba), a BFS conta com fabricantes de máquinas, empresas de tecnologia, fornecedores de insumos, visitantes e, principalmente, de produtores que vêm acompanhando a evolução da feira como vitrine de inovação e ambiente de negócios.

É o caso do veterano expositor Luiz Antônio Pradela. O produtor chegou à região no fim dos anos 2000, vindo do oeste do Paraná. “Em 2003, quando a feira ainda acontecia como Agrishow, tive a oportunidade de estar presente e realizar negócios, adquirindo implementos. Desde então, participei de praticamente todas as edições. É uma feira que cresce ano a ano, se organiza cada vez mais e evidencia o potencial da região. É um evento construído pelos produtores, com atuação da Aiba e participação de outras entidades que apoiam e fortalecem essa estrutura”, conta, afirmando que as expectativas para a 20ª edição “são muito positivas”.

Para Pradela, o fato de o histórico da feira ser positivo faz com que muitas decisões ocorram nesse período. “Além disso, há uma agenda intensa de reuniões, seminários e treinamentos, tanto da organização quanto das empresas expositoras, que também levam conhecimento a clientes e visitantes”, destaca, ressaltando que a BFS recebe visitantes e expositores internacionais há muito tempo, o que reforça sua relevância.

O presidente da Aiba enaltece a atuação da entidade, criada com o objetivo de organizar e racionalizar o uso da água na agricultura. “Este princípio continua valendo há 35 anos. Basta ver o trabalho que realizamos com o monitoramento do Aquífero Uruçuia, junto com universidades do Brasil e o governo. Também temos ações de proteção das nascentes e apoiamos o produtor quanto às outorgas para a irrigação”, relata Moisés Schmidt. Com a tecnologia, diz, a irrigação tem ganhado cada vez mais espaço na região. “Hoje, cerca de 450 mil hectares já são sob pivô, podendo chegar a até um milhão de hectares irrigados, sem prejuízo ao aquífero citado e com total segurança para a natureza e o produtor”, afirma.



“Desde 2003, participei de quase todas as edições. Feira cresce ano a ano”

LUÍZ ANTÔNIO PRADELA, produtor



“Evento tem o DNA dos pioneiros do agro, que sempre atuaram de forma profissional”

JÚNIOR MARABÁ, prefeito de LEM



“A leitura é de consolidação: a BFS segue como grande plataforma estratégica”

ALAN MALINSKI, diretor da Bahia Farm Show



BFS 2026 espera público superior a 162 mil visitantes

Novidades tecnológicas são baseadas em mecanização inteligente e sustentabilidade

Da era em que não havia smartphones, drones ou redes sociais aos dias atuais, marcados por IA, conectividade e agricultura de precisão, a BFS se consolida como palco de mudanças tecnológicas ao longo dos últimos 20 anos. Entre as principais novidades previstas nesta edição, se destacam dois pilares: mecanização inteligente e sustentabilidade, com foco em agricultura de baixo carbono, IA generativa, drones para monitoramento em tempo real e insumos biológicos para otimizar produtividade e manejo ambiental.

Na feira, o produtor rural tem acesso a inovações que podem garantir mais qualidade, produtividade e sustenta-

bilidade às lavouras, com potencial de reduzir custos. Ao integrar empresas, instituições e produtores, a BFS mantém o propósito de acelerar a difusão de soluções e fortalecer a evolução do sistema produtivo, além de se consolidar como vitrine de inovações alinhadas aos principais mercados globais, como destaca o presidente do evento e da Aiba, Moisés Schmidt. “A feira é um ambiente propício para que produtores avaliem investimentos e acompanhem tendências em um cenário de transformações”.

O perfil inovador da BFS, acrescenta ele, se deve à capacidade de gerar conteúdo relevante para diferentes

áreas—como tecnologia, ciência, estilo de vida—e ao acompanhamento do ritmo acelerado do agro. “A antecipação de tendências e a conexão com o que há de mais moderno no mundo são marcas da feira, que apresenta ao produtor brasileiro soluções no mesmo compasso tecnológico de mercados como EUA, Austrália e Europa”.

Diretor da BFS, Alan Malinski reforça: “Nesta edição, os participantes encontrarão soluções em agricultura de precisão, conectividade, irrigação e gestão, inseridas em um contexto produtivo cada vez mais orientado por dados e tomada de decisão estratégica”.

LINHA DO TEMPO Trajetória em duas décadas

Da estreia, em 2004, à 20ª edição, confira os marcos que consolidaram a BFS como plataforma de tecnologia, negócios e articulação do agro. A história de 20 anos foi dividida em cinco fases: *Origem e afirmação (2004-2009)*, *Consolidação de escala (2010-2013)*, *Potência nacional (2014-2019)*, *Ruptura e resiliência (2020-2021)* e *Retomada, expansão e futuro (2022-2026)*.

2004
A primeira edição, sob a marca Agrishow, revela a força produtiva do oeste baiano e se torna ponto de encontro de tecnologia, produção e tomada de decisão, contabilizando R\$ 380 milhões em propostas de negócios.

2005
A feira entra no calendário do agro regional, e a 2ª edição reforça a função do evento como ambiente de busca por soluções para os principais gargalos da produção no Cerrado baiano.

2006
A 3ª edição não ocorreu devido ao ambiente adverso para o agro, marcado por crise agrícola, pressão cambial e retração de importantes expositores.

2007
A retomada recoloca a feira em expansão e simboliza a reação do agro regional. Participaram mais de 90 empresas e cerca de 25 mil visitantes, com R\$ 200 milhões em propostas de negócios.



2008
A feira adota oficialmente o nome Bahia Farm Show, se afirmando como marca de tecnologia, negócios e desenvolvimento do agronegócio do oeste baiano. Nessa quinta edição, recebeu 26.839 visitantes.

2009
Amplia estrutura e deixa de ser

apenas vitrine de máquinas para se afirmar como motor regional de negócios, passando a acompanhar o crescimento acelerado do agro. Recebeu 32 mil visitantes.

2010
A feira reforça o papel de ponte entre produtividade e tecnologia, avançando a mecanização, o manejo e a sofisticação agrônômica. A edição recebeu mais de 170 expositores e gerou R\$ 316 milhões em negócios.

2011
A inovação passa a se refletir em produtividade e gestão agrícola, com crescimento expressivo no volume de negócios. Essa edição gerou R\$ 570 milhões.



2012
A feira supera o papel de exposição comercial e se consolida como plataforma de inteligência aplicada ao agro. Cresce a integração entre pesquisa, empresas, assistência técnica e produtores.

2013
Amplia-se como vitrine de

modernização em um Matopiba cada vez mais estratégico. Tecnologias de irrigação, armazenagem, energia, mecanização e a insumos reforçam seu perfil acelerador da produção moderna.

2014
A BFS ultrapassa R\$ 1 bilhão em negócios e entra em outro patamar econômico. O evento já não atua apenas como recinto expositivo, mas como indutor efetivo de atividade econômica em toda a região.

2015
Impulsionada pela expansão da fronteira agrícola e demanda por tecnologias mais eficientes, a feira gerou R\$ 972,2 milhões em negócios.



Bahia Farm Show / Divulgação

Bahia Farm Show incentiva a participação de caravanas de pequenos e médios produtores na grande festa do agro

Pequenos produtores ganham mais protagonismo na Bahia Farm

Atrair um número ainda maior de pequenos produtores à Bahia Farm é uma das metas da 20ª edição. Assim, o Pavilhão da Agricultura Familiar foi reposicionado para a área em frente à entrada principal do evento, aumentando a visibilidade e o interesse dos agricultores, além de facilitar o acesso do público aos produtos expostos. Em 2025, o Programa de Caravanas da BFS, coordenada pelo Instituto Aiba, reuniu 393 caravanas de 29 municípios de cinco estados, somando quase 17 mil pessoas, entre pequenos e médios produtores, estudantes de cursos técnicos e universitários da área de agropecuária, investidores e representantes da agricultura familiar.

A mudança de local do pavilhão para dar maior protagonismo aos pequenos produtores se alinha às diretrizes da Aiba de reforçar a inclusão da agricultura de origem no conceito *Somos um só*, adotado pela feira este ano. O Programa de Caravanas busca ampliar a participação dos pequenos e médios produtores especialmente da macrorregião do Matopiba.

O agricultor Paulo Henrique Pereira de Oliveira, presidente da Associação dos Produtores Rurais das Comunidades de Pau D'arco e Santa Maria, destaca as vantagens. "A feira já nos acolheu outras vezes, e a gente se sentiu muito à vontade nesse lugar onde tem muitas ofertas, preços bons para a gente negociar", disse ele, filho de agricultores e nascido em Wanderlei. Paulo conta que, ao criarem a entidade, em 2022, e começaram a arrecadar algum dinheiro, pensaram: "Por que não participar de uma das maiores feiras do Norte-Nordeste?".

Inicialmente, lembra, ele e os colegas produtores ficaram apreensivos com o grande porte do evento. "Mas a receptividade das empresas com a gente foi grande. E aí começamos a comprar alguns implementos que foram fundamentais para a nossa produção de rações, pois impactaram diretamente no produto final: o preço do litro de leite. Recomendando que todos compareçam na Bahia Farm", incentiva.

O também pequeno produtor de leite e gado de corte Paulo Daniel dos Anjos do Nascimento, presidente da Associação Comunitária dos Moradores e Produtores Rurais da Itapira, conta que a estreia dos associados na Bahia Farm se deu na edição passada e rendeu a compra de uma roçadeira. "Foi muito importante essa aquisição, bem como ver o potencial tecnológico



Divulgação

Paulo Henrique Oliveira: 'A gente se sente muito à vontade na feira'



Divulgação

Paulo Daniel: 'Vimos máquinas modernas que nunca tínhamos visto'

da feira. Vimos máquinas modernas que nunca tínhamos visto em nenhum lugar. Fiquei muito grato pela oportunidade. Este ano, não temos ainda uma expectativa de comprar algum equipamento, mas os preços sabemos que são mais em conta."

Papel relevante

O diretor da BFS, Alan Malinski, afirma que os pequenos produtores têm papel relevante na dinâmica econômica local. "Eles atuam em diferentes cadeias, contribuem para a circulação de renda e ajudam a sustentar sistemas produtivos mais equilibrados, com capacidade de adaptação a diferentes realidades. A participação deles amplia o alcance da feira e fortalece a base do setor". Ele ressalta que o evento oferece produtos e serviços acessíveis a esse público, bem como linhas de crédito vantajosas.

Além disso, acrescenta, os produtores têm acesso ao conhecimento difundido em palestras e mesas-redondas, além dos anúncios de autoridades governamentais. "Quando visitam a BFS, ficam a par do que está acontecendo no agro na Bahia, no Brasil e no mundo, pois não existe descompasso tecnológico entre o que se vê na feira de Luís Eduardo Magalhães ou em uma nos Estados Unidos, Alemanha ou Austrália", compara.

De acordo com o gestor, a feira vem estruturando o Programa de Caravanas de forma mais organizada e estratégica para ampliar a adesão de produtores, estudantes e instituições. "A mobilização é conduzida pelo Instituto Aiba, responsável pela gestão dos dados, articulação com parceiros e recepção das caravanas na feira. O trabalho envolve reuniões diretas com prefeituras, sindicatos e entidades locais, que aderem formalmente ao programa e passam a organizar os grupos em seus municípios".

As caravanas, reforça Israel Miguel, coordenador do programa, cumprem papel estratégico na difusão de tecnologia. Ao proporcionar contato direto com soluções, máquinas, insumos e práticas sustentáveis, a iniciativa promove intercâmbio de conhecimento e aproxima produtores e estudantes das principais tendências do setor. Também cria oportunidades de negócios, com acesso a crédito e relacionamento com expositores.

O engenheiro agrônomo e professor do Instituto Federal do Sertão Pernambucano, Caio Márcio Guimarães San, considera que a iniciativa aproxima estudantes da realidade do setor. "A participação deles na edição de 2025 foi extremamente positiva e enriquecedora, tanto pelo nível de organização quanto pela diversidade de tecnologias, bem como pela interação com empresas, pesquisadores e produtores". A expectativa para esta edição é que a participação estudantil seja maior, envolvendo alunos do curso técnico em Agricultura.

O Programa de Caravanas opera em parceria com prefeituras e entidades locais, responsáveis pela organização do transporte e mobilização dos participantes. A feira, por sua vez, oferece estrutura. A visita dura um dia, sem necessidade de hospedagem. Interessados devem se inscrever pelo link <https://bfs.exphub.cc/pt-br/public/forms/agro-caravanas-bahia-farm-show-2026>.

ENTREVISTA | Moisés Schmidt, presidente da Bahia Farm e da Aiba

"A BAHIA É A LOCOMOTIVA DO MATOPIBA"

O presidente da BFS e da Associação dos Agricultores e Irrigantes da Bahia (Aiba), Moisés Schmidt, fala ao ATARDE sobre a preparação da 20ª edição da feira, os reflexos da guerra no Oriente Médio no agro baiano e nacional e a força do Matopiba, acrônimo que representa a principal nova fronteira agrícola do Brasil.

Como estão os preparativos e as expectativas para a 20ª edição da Bahia Farm Show?

Em ritmo intenso, o que reflete a dimensão que a feira alcançou ao longo dessas duas décadas. O complexo está sendo ampliado em cerca de 35%, chegando a 38 hectares, com a expectativa de mais de 500 expositores, o que demandou grandes investimentos em infraestrutura, conectividade, mobilidade e segurança para garantir que os expositores e visitantes tenham uma experiência positiva para gravar na memória, colocando a nossa mostra como referência nacional em qualidade de infraestrutura, serviços e hospitalidade, além, é claro, de tudo o que ela apresenta em soluções para a agroindústria.

Qual a mensagem que o tema desta edição quer passar?

O tema *Somos um só* dialoga diretamente com essa construção coletiva do agro. Ele reconhece que o desenvolvimento do agronegócio, na Bahia, não foi obra isolada, mas resultado de uma cadeia integrada, com produtores, empresas, instituições, governos e famílias, que ajudaram a transformar a região. A Aliança do Agro, entidade que congrega as cadeias produtivas e as diversas instituições de representatividade do setor, é uma prova disso e estará presente na feira. Com este tema, também estamos nos referindo ao campo e à cidade, a todos os municípios, regiões e estados desse grande País, que hoje tem uma missão estratégica de prover alimentos, fibras e energia para o mundo.

Quais os reflexos da guerra no Oriente Médio no agro baiano e nacional?

A agroindústria brasileira está inserida no contexto global e conflitos como o do Oriente Médio impactam diretamente no câmbio e nos custos, especialmente de combustíveis e insumos, que têm forte correlação com o petróleo. Esse cenário traz incertezas e exige ainda mais planejamento por parte do produtor. Em tempos de custos altos e pouca previsibilidade, precisamos ser excelentes em todas as nossas operações, buscando as máximas produtividades e a redução de desperdícios. A Aiba tem acompanhado esse cenário, mas ainda é cedo para dimensionar com precisão até que ponto essa situação será repassada ao consumidor final.

Qual a avaliação da Aiba sobre o agro na economia baiana?

A trajetória do agro do Cerrado baiano retrata a revolução do modelo brasileiro de agricultura



Acerne Schmidt Agrícola / Divulgação

tropical desenvolvido nesse bioma a partir dos anos 1960. Na safra 2025/2026, a região plantou em torno de três milhões de hectares e colheu, aproximadamente, 14 milhões de toneladas de grãos e fibras. A fruticultura, a pecuária, as verduras e as hortaliças, e até mesmo a produção de novas culturas, como o cacau e o trigo, também impressionam pela adequação ao bioma, com apoio da pesquisa e do desenvolvimento científico. Há, ainda, um imenso potencial que começa a ser explorado para a produção de biodiesel, o que significa energia renovável que brota da lavoura. A verticalização da produção é outra possibilidade real a ser intensificada, assim como a pecuária bovina, avicultura e suinocultura, por conta da oferta da matéria-prima para a alimentação animal. Mesmo nas lavouras, essa região da Bahia tem grande capacidade e segurança para crescer, pois dispõe de solo e água, sem necessidade de abertura expressiva de áreas por conta da rotação de cultura.

Qual a força do Matopiba para o agronegócio na Bahia?

A Bahia, o 'ba' do Matopiba, hoje é a locomotiva dessa macrorregião que congrega os maiores produtores agrícolas das áreas de Cerrado do Norte e Nordeste brasileiros. Quando se trabalha com o conceito de bloco, unido pela sinergia econômica, os processos são otimizados, tanto para a iniciativa privada quanto para o governo, que pode criar políticas públicas mais efetivas para o desenvolvimento regional. A região do oeste baiano, como parte integrante do Matopiba, tem ajudado na transformação do perfil econômico e social do Estado, deslocando, em parte, o eixo de riqueza do litoral para o interior. Segundo dados do IBGE (2025) e da Conab (Companhia Nacional de Abastecimento), a Bahia é o segundo e quarto produtor de algodão e soja, respectivamente. Dos dez municípios com maior PIB agrícola do Nordeste, seis estão na Bahia (liderados por São Desidério e Formosa do Rio Preto).

2016

A Bahia Farm amplia densidade técnica e reforça o vínculo entre negócios, conhecimento e desafios. Recebeu cerca de 60 mil visitantes, com volume aproximado de R\$ 1,014 bilhão em negócios.

2017

Supera a marca de R\$ 1,5 bilhão em negócios e confirma ciclo consecutivo de expansão, se tornando uma das principais feiras agrícolas do País.

2018

Avança em internacionalização e vira como porta de entrada para tecnologias globais no Cerrado. Grande presença se empresas estrangeiras amplia sua relevância para além do circuito regional.

Fotos: Aiba / Divulgação



2019

Com 260 expositores, cerca de R\$ 1,9 bilhão em negócios e quase 68,2 mil visitantes, a feira se consolida como o maior evento de tecnologia agrícola do Norte-Nordeste.

2020

Interrupção devido à pandemia da Covid 19. O episódio força a reorganização das estratégias

de comunicação, relacionamento e presença institucional.

2021

Pandemia mostra que a feira já operava não apenas como encontro presencial de negócios, mas como plataforma de relacionamento. R\$ 8,8 milhões em negócios.

2022

A volta presencial acontece com forte expansão física e comercial, passando de 144 mil m² para 191 mil m², com crescimento de 33% e cerca de 360 expositores representando mais de 1,2 mil marcas, além de R\$ 7,9 bilhões em negócios.

2023

Em sintonia com o

amadurecimento do Matopiba, a edição reforça a presença de soluções de armazenagem, irrigação, energia solar, insumos e infraestrutura. R\$ 8,2 bilhões em negócios.

2024

Com 111.377 visitantes, 434 empresas expositoras e volume superior a R\$ 10,9 bilhões em negócios, a edição consolida novo teto de escala para a BFS.

2025

Com 162.370 visitantes, 434 expositores, mais de 1.125 marcas e 8 mil empregos diretos e indiretos, aprofunda integração com inovação, startups, inteligência artificial, energia renovável e agricultura de precisão.

FONTE: SITE OFICIAL DA BAHIA FARM SHOW

Bahia Farm Show 2026 em números

■ Área total: **38 hectares (380 mil m²)**, após ampliação de 35%

■ Expositores: **mais de 500**

■ Estacionamento: **capacidade para 10 mil veículos**

■ Empregos gerados: **mais de 8 mil diretos e indiretos**

■ Investimento total estimado: **R\$ 180 milhões**

■ Novidades: **aplicativo com mapa interativo em tempo real, mobilidade com veículos elétricos e central de monitoramento 24h com reconhecimento facial**

MATOPIBA exporta recordes. A Bahia tem a saída.

Com o Terminal ATU 18 operando no Porto de Aratu, a CS Portos se posiciona como uma importante rota de escoamento da fronteira agrícola mais produtiva do Brasil.

O MATOPIBA não para de surpreender. A região que abrange o oeste da Bahia, o sul do Maranhão, o Piauí e o Tocantins se consolidou como a nova fronteira do agronegócio brasileiro, com recordes consecutivos de produtividade em soja, milho, algodão e sorgo, e crescimento acelerado que coloca o Brasil em outro patamar no mercado global de commodities. Toda essa riqueza, porém, só chega ao mundo por um caminho: a logística de escoamento. E é exatamente aqui que a Bahia e a CS Portos entram em cena.

Operando no Porto de Aratu, em Salvador, a CS Portos investiu mais de R\$ 900 milhões na construção dos terminais ATU 12 e ATU 18, transformando o estado em um dos principais corredores logísticos do agronegócio nordestino. O Terminal ATU 18, voltado à exportação de grãos, é a peça central desse avanço. Totalmente automatizado, com agendamento digital, acesso por leitura facial e de placas e operação 100% sem papel, o terminal tem capacidade de armazenar 120 mil toneladas em quatro silos, receber mais de 300 caminhões por dia sem restrição de porte e embarcar entre 20 e 30 mil toneladas por navio diariamente. A projeção é exportar 3 milhões de toneladas de grãos por ano, atendendo quase 50 navios, números que colocam a Bahia no mapa global do escoamento agrícola.

"O Terminal ATU 18 eleva a competitividade das exportações baianas e amplia sua relevância no mercado global."

Marcos Tourinho, CEO da CS Portos

Para o MATOPIBA, a equação é direta: mais produção exige mais eficiência logística. A CS Portos responde a essa demanda com uma estrutura integrada que conecta rodovias, ferrovia e porto, reduzindo filas, custos e tempo de espera ao longo de toda a cadeia. O impacto vai além dos grãos: a operação gera mais de 1.500 empregos diretos e indiretos e cria um efeito multiplicador de renda para toda a região Nordeste. Com planos de dobrar a capacidade de exportação do ATU 18, a CS Portos não está apenas acompanhando o crescimento do MATOPIBA, está construindo a infraestrutura para que ele não tenha teto.

Terminal ATU 18 em

números



3 milhões
de toneladas exportadas/ano
(projeção)



Quase
50 navios
atendidos por ano



120 mil
toneladas de capacidade
de armazenagem



+300 caminhões/dia
sem restrição de porte



20 a 30 mil
ton embarcadas por navio/dia



R\$ 900 mi
investidos nos terminais
ATU 12 e ATU 18



+1.500 empregos diretos
e indiretos



CS Portos

Uma empresa



CS Infra



SIMPAR

Infraestrutura portuária com
responsabilidade operacional.



www.csportos.com.br